

Carvoeiros: Trajetórias do trabalho e dos trabalhadores da carvoaria na primeira metade do século XX (1910-1950)

SÉRGIO CARVALHO DE LIMA*

A história dos carvoeiros e do carvão vegetal ainda está para ser escrita, no Brasil e alhures! Conhece-se o carvão, mas se desconhece o carvoeiro. Compra-se o carvão, mas não se pergunta de onde vem e quem o fez (THIÉBLOT, M., 1984, p. 15)

É notório que o carvão tem acompanhado a trajetória das sociedades desde os mais remotos tempos, sendo um insumo energético primordial em muitos momentos. A princípio, o uso do carvão vegetal, resultado da combustão da madeira, possibilitou certas vantagens para a vida social: aquecer-se do frio, assar e cozinhar alimentos, etc. Posteriormente, a descoberta do carvão mineral proporcionou a intensificação do uso dos metais, visto que o calor gerado por sua queima era essencial na forja de instrumentos.

No Brasil, sabe-se que as sociedades indígenas, embora não produzissem, nem estocassem carvão, utilizavam a lenha para os mais diversos fins (THIÉBLOT, 1984, p.15). Jean Baptiste Debret, por volta de 1827, pintou várias aquarelas retratando negros vendendo carvão pelas ruas do Rio de Janeiro (DEBRET, 1827). Há referências de que o carvão vegetal foi muito utilizado para fundição de ferro nesse período; fábricas de armas, por exemplo, utilizavam o insumo para forjá-las. Nessa época, as reservas de carvão mineral no sul ainda não eram totalmente conhecidas (THIÉBLOT, 1984, p.15)

Nesse período, desenrolava-se na Europa a Revolução Industrial, predominantemente centrada na energia a vapor que, para ser produzida, dependia do carvão. Desse modo, pode-se afirmar que o carvão foi o combustível do capitalismo nesse momento. Todo o universo fabril, os transportes (locomotivas, barcos a vapor), fundições, etc. praticamente tudo dependia dessa fonte energética. Na Inglaterra, como afirma Hobsbawm, dependeu-se muito no início do carvão vegetal, porém a escassez das áreas florestais forçou a exploração das minas de carvão mineral (HOBSBAWM, 2009).

É nesse sentido que o escritor francês Émile Zolla, em seu romance *Germinal* (1885), traz à tona a trágica realidade dos trabalhadores mineiros naquele contexto, especificamente em uma mina de carvão no norte da França. A insalubridade, a insegurança, as constantes

* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas, sob orientação do Prof^o Dr. Cesar Augusto Queirós Bubolz. Professor da rede pública do Estado do Amazonas.

ameaças de acidentes, os baixíssimos salários, a fome e outras mazelas compõem em certa medida o terrível cenário com o qual esses trabalhadores conviviam. Zolla descreve, entretanto, que, frente a essa mesma realidade, é que se insurgem num intenso movimento grevista cujo motor são exatamente as nascentes ideias revolucionárias que fervilhavam no século XIX. É certo que, trabalhadores de um setor vital da economia, os mineiros formariam sindicatos muito fortes nesse período.

No Brasil, sabe-se que as grandes reservas de carvão mineral estão localizadas no sul, principalmente em Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Muitas já eram exploradas desde o início do século XIX, mas somente a partir da segunda década do século XX, em grande medida com o advento da Primeira Guerra Mundial, é que houve a preocupação do governo em buscar alternativas para substituir o carvão, até então quase todo importado (FILHO, 2004, p. 36). Interessante observar que a própria imprensa local repercute esse cenário ao trazer informações sobre a criação da indústria do carvão nacional

Pelo Rio de Janeiro chegou à Capital Federal, do Rio Grande do Sul o dr. Burque de Macedo, que fora ao referido Estado, afim de inspecionar os erviços das jazidas de carvão de Jacuby e Botiá. O carvão nacional, que naturalmente vae ser aproveitado por diversas industrias será dentro de pouco tempo extrahido com regularidade, atendendo aos meios fáceis de conducção das jazidas para o ponto de embarque. (A CAPITAL, ano I, nº 141, 06/12/1917)

São constituídas a partir de então grandes companhias carboníferas visando à exploração do carvão nacional, muito embora este continuasse a sofrer a concorrência do carvão importado e, não fosse de tão boa qualidade. A mão-de-obra que se forma nesse contexto, bem como as condições de trabalho, no entanto, não diferem muito daquelas retratadas no romance de Emile Zolla. Como afirmam Filho & Livramento:

No que se refere às péssimas condições de trabalho, a atividade mineira é uma das mais degradantes, e o trabalhador lida diariamente com o perigo. Nas décadas de 50 e 60 do século passado, as condições de vida e de trabalho dos mineiros na região sul se aproximavam daquelas dos mineiros franceses no final do século XIX mostradas no filme *Germinal*, baseado na obra de Émile Zolla (FILHO & LIVRAMENTO, 2004, p. 76).

Nos últimos anos, muitas pesquisas têm procurado analisar a realidade do trabalhador mineiro, especificamente no estado do Rio Grande do Sul, o maior produtor de carvão mineral do país. Destaca-se nesse campo o pioneiro estudo (SPERANZA, 2014, p. 27) da antropóloga Cornélia Eckert “Os homens da mina: um estudo das condições de vida e

representações dos mineiros de carvão em Charqueada/RS” (ECKERT, 1985) no qual a autora analisa as formas de convívio e a memória dos mineiros da região de Charqueadas nas décadas de 80 do século passado. Marta Ciocari, em “Ecos do subterrâneo: estudo antropológico do cotidiano e memória da comunidade dos mineiros de carvão de Minas do Leão/RS” (CIOCCARI, 2004) focaliza o cotidiano e a memória de uma comunidade de mineiros de carvão na região de Minas do Leão, no estado do Rio Grande do Sul. Na obra “Cavando Direitos – As Leis Trabalhistas e os conflitos entre os mineiros de carvão e seus patrões no Rio Grande do Sul (1940-1954)”, Clarice G. Speranza busca compreender o processo de disputa em torno de direitos entre trabalhadores e patrões nas minas de carvão do Rio Grande do Sul nos anos 40 e 50, no contexto das lutas no campo jurídico, em especial na então nascente Justiça do Trabalho (SPERANZA, 2014, p. 24)

Ressaltamos a importância desses trabalhos na medida em que destacam o papel ativo que os trabalhadores em geral e, especificamente os mineiros, desempenharam em sua própria história e que muitas vezes essa ação se manifesta cotidianamente. Por outro lado, nos instigam a pensar em nossa própria temática, os carvoeiros que, embora tenham tido uma presença marcante no espaço urbano da cidade de Manaus, parece-nos que a memória dessa presença tem sido em certa medida relegada. Nesse sentido, pretendemos de modo geral compreender a partir de uma perspectiva de análise histórica a importância da atividade de carvoaria na cidade de Manaus, especificamente entre as décadas de 1910 e 1950, destacando ainda a ação dos carvoeiros nessa lida. A princípio a definição desses marcos temporais justifica-se na medida em que compreendem dois momentos significativos no contexto histórico da cidade nessas décadas iniciais do século XX: o primeiro marcado pela crise da economia gomífera, agravada pela queda nos preços da borracha, que traz impactos consideráveis no mercado de trabalho formal e o segundo onde ocorre a consolidação de novas fontes energéticas no cenário nacional e regional, como o petróleo, gás, etc, provocando assim uma retração no consumo do carvão na cidade.

A preocupação em estudar esses sujeitos tem sido observada em outras regiões do país, muitas vezes por pesquisadores de outras áreas, inclusive. Rogério Ribeiro de Oliveira, Professor do departamento de Geografia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, por exemplo, tem analisado a região do Maciço da Pedra Branca, na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro, identificando vestígios de antigas carvoarias (OLIVEIRA, 2011). Nesse sentido, reportando-se ao período final do século XIX e início do XX, Oliveira salienta

que “que não era desprezível o consumo de carvão no Rio de Janeiro do fim de século” (OLIVEIRA, 2011). No entanto, lamenta que

São pouquíssimas as informações disponíveis sobre estes atores sociais, que forneciam energia à cidade do Rio de Janeiro. Os carvoeiros em muito pouco se beneficiaram do seu trabalho, enquanto que muitos lucraram com ele. São até hoje invisíveis do ponto de vista social. Dessa história, o único documento que eles nos deixaram foram marcas na paisagem. (OLIVEIRA, 2011, p. 16)

De certo modo, percebe-se que esta invisibilidade social e histórica de determinados sujeitos tem sido uma característica marcante da historiografia amazonense até algumas décadas atrás. O historiador Luiz Balkar Pinheiro destaca que essa invisibilidade acaba reforçando “preconceitos e estereótipos, enquanto silencia sobre tantos processos e sujeitos sociais” (PINHEIRO, 2007, p.12). Embora logicamente tenha seus méritos, é notório que essa historiografia voltou-se muito para a exaltação do período áureo da borracha (1890-1920) e de todo suposto fausto que ela produziu, principalmente em relação a seus artefatos culturais urbanos: monumentos, ruas, praças, teatros, etc. Olhava-se para o período em questão com um certo saudosismo, reflexo talvez do período em que tais obras foram produzidas, em grande parte nas décadas de 40 e 50 do século passado, época em que a cidade vivia um certo marasmo econômico.

Recentemente, entretanto, articulando-se a uma perspectiva mais problematizadora, novos olhares têm sido lançados para o período em questão. Em “*A Ilusão do Fausto*” (DIAS, 1999), Edneia M. Dias procura mostrar que as riquezas geradas pela exploração da borracha criaram, na verdade, uma época de fausto ilusório, de luxo efêmero que, a partir de um discurso de modernidade, procurava segregar os trabalhadores das áreas centrais. Francisca Deusa S. da Costa, em “Quando Viver Ameaça a Ordem Urbana” (COSTA, 1997), destaca a vivência dos trabalhadores urbanos na Manaus do final do século XIX e início do XX, ressaltando os processos de resistência desses trabalhadores a um determinado ordenamento que se pretendia impor ao espaço urbano naquele momento. Em “Cidade Sobre os Ombros”, Maria Luiza Ugarte Pinheiro (PINHEIRO, 1999) recupera os processos de associação e luta de uma importante categoria de trabalhadores da cidade, até então esquecida pela produção histórica regional: os estivadores. Nessa perspectiva, destaca a historiadora que “a produção

historiográfica regional manteve-se pronta a colaborar na construção desse mundo idealizado de harmonia social, evitando recuperar temáticas menores” (PINHEIRO, 1999, p. 273)

Nesse sentido, é que ressaltamos novamente a importância de um estudo sobre os carvoeiros na cidade de Manaus, discutindo também o papel do carvão na sociedade, a relevância do produto, os tipos e as diversas formas de utilização no cotidiano da cidade e de seus moradores. O que tem se observado é que, muito embora tenham exercido uma atividade significativa no contexto socioeconômico da cidade no período, enquanto sujeitos históricos os carvoeiros tem sido esquecidos. Em certa medida, isso contrasta com o fato de que, em Manaus, a fabricação e venda do carvão (vegetal) era uma atividade econômica bastante recorrente, principalmente, ao que parece, nessas primeiras décadas do século XX. O carvão era uma das principais matrizes energéticas da cidade, sendo essencial dentro do ambiente doméstico como também na movimentação de oficinas, gráficas, etc.

Podemos perceber a importância que o carvão possuía para a vida econômica da população da cidade ao observarmos alguns periódicos e documentos do período. Em matéria publicada no jornal *Correio do Norte* e intitulada “A miséria no Amazonas – Impressões de um Viajante”, afirma-se que “a população pobre vive quase exclusivamente da pesca e do fabrico do carvão” (03/02/1906, p.). Diante de uma economia que obviamente não trazia benefícios a todos e que já dava sinais de enfraquecimento, percebe-se que ao exercer essa atividade (fabricação do carvão) a população pobre constrói e articula suas estratégias de sobrevivência. Em função do importante papel que o carvão vegetal desempenhava tanto como fonte de renda quanto como elemento fundamental no cotidiano da cidade, já no início do século XX, o poder público demonstrava preocupação com o corte pouco moderado de madeira para a produção de carvão vegetal. Em relatório encaminhado à Assembléia Legislativa, o Governador Constantino Nery sugeria medidas de proteção às matas que cobrem os mananciais que fornecem água para a cidade “em virtude do corte da madeira, pouco moderado, para usos particulares e, mais ainda para a fabricação do carvão, que é vendido diariamente à população” (NERY, Mensagem, 10/07/1905, p. 185). Embora vista como uma atividade menor, fica evidente uma vinculação bastante acentuada da cidade com a produção e comercialização do carvão.

Nessa perspectiva, a historiadora amazonense Deusa Costa, ao analisar o universo dos trabalhadores urbanos em Manaus no início do século XX, destaca a presença marcante do carvão como matriz energética para a cidade naquele momento e, ao mesmo tempo,

ressalta a importância da atividade para a população pobre em vista da crise no mercado de trabalho:

Como alternativa, buscavam-se ganhos por intermédio da prestação de serviços por conta própria, seja por meio de um variado comércio ambulante, da pesca, da pequena atividade de pecuária, da agricultura ou do fornecimento de lenha e carvão. Afins de contas, apesar de ser uma das primeiras capitais a contar com energia elétrica, tido como fator de modernidade, Manaus sustentava-se, majoritariamente, da energia a vapor, seja nos navios, pequenas fábricas, padarias, gráficas ou usinas (COSTA, 2014, p. 66).

Nesse quadro, como também destaca Benta L. Praia, a recessão econômica que se abateu sobre a cidade com a queda nos preços da borracha, principalmente a partir da segunda década do século XX, levou a uma “predominância acentuada do trabalho informal e das pequenas ocupações autônomas” (PRAIA, 2010, p.155). Situa-se desse modo o fabrico e comercialização do carvão como uma dessas atividades. As considerações do estudioso André Araújo reforçam esse cenário ao afirmar que, em Manaus, especificamente nos bairros distantes do centro, as atividades exercidas pela população são “barbearias, marcenarias, ferrarias, mercearias, pequenas lojas, botecos, quitandas, carvão, costureiras, lavadeiras, engomadeiras, domésticas, operários...” (ARAÚJO, 1974, p. 186). Praia, em levantamento feito a partir de acontecimentos do cotidiano da cidade, cita uma profusão de pequenos profissionais autônomos, entre os quais estavam “calceteiros, carvoeiros, lenheiros, vidraceiros, pintores especializados, carpinteiros, marceneiros, ferreiros, ourives, escultores, gravateiros, sapateiros, cabeleireiros, barbeiros, alfaiates...” (PRAIA, 2010, p. 155).

Percebe-se que, diante de um contexto desfavorável, parte da população via nessas atividades informais, especificamente no fabrico e venda do carvão, uma atividade possível. Nesse sentido, Praia destaca ainda que

No tempo de crise e recessão econômica, o mercado de trabalho assalariado ficou restrito e as dificuldades vividas no setor informal da economia tornaram-se acentuadas, por isso o aumento da população miserável cresceu consideravelmente embalado pelos grandes contingentes de seringueiros depauperados que chegavam à cidade. Os recém chegados juntaram-se aos cidadãos pobres e foram condenados ao semi-emprego crônico tentando sobreviver das pequenas ocupações autônomas e do trabalho informal (PRAIA, 2010, p.155).

Outro aspecto que chama à atenção nesse processo de inserção no mundo do trabalho do carvão, mas que em virtude do tempo disponível não aprofundaremos, é a própria representação que determinados sujeitos desses segmentos populares possuíam em relação ao trabalho formal, muitas vezes encarado como um espaço de privação da sua liberdade. Desse modo, para o carvoeiro W. A. Pereira,

Pelo menos é uma vida que a gente tem que é liberto, não é *sujigado*. O empregado é preso, se não cumprir a ordem do seu trabalho ele não pode subir...então eu senti que me dei bem e até agora estou aqui e já tenho certeza que não vou mudar mais. (Pereira, dez/2000).

Observa-se que, no período ao qual estamos no detendo, a grande maioria dos que se envolviam na atividade da carvoaria eram homens, em virtude talvez da própria rusticidade do trabalho, a exigência em certos momentos de grande esforço físico. Nos periódicos até o momento pesquisados, as referências aos carvoeiros, quando aparecem, estão geralmente inseridas em colunas policiais. No periódico *A Capital*, por exemplo, ao mesmo tempo que reforça essa predominância do homem na atividade que acima citamos, também indica um quadro tenso de sobrevivência pelo qual passavam esses trabalhadores: “Antônio Conrado, carvoeiro, foi encontrado morto, hontem as 20hs nas matas da Villa Municipal” (*A Capital*, n. 29,13/08/1917, ano I).. Outra referência iniciada em tom jocoso, inclusive, afirma:

Queria vestir-se

Por estar arrombando uma caixa com fazendas de propriedade de uma turca, foi preso, na Rua Ramalho Junior, o carvoeiro Francisco Araújo, que foi recolhido ao xadrez da 1ª delegacia. (*A Capital*, n. 66, 19/09/1917, ano I)

Se por um lado o fabrico e a venda do carvão se apresentavam como atividades marcantes no cotidiano da cidade, ao qual poderiam oferecer relativa possibilidade de ganho à população pobre, por outro também poderiam ser marcados pela incerteza, pela instabilidade, o que em certa medida no limite acabava levando à realização desses pequenos furtos.

O pintor e escritor Moacir Andrade, em obra de memórias da sua infância e adolescência, por volta das décadas de 40 e 50, destaca a presença de um número considerável de carvoeiros atuando pela cidade, sendo intenso o movimento nas ruas e calçadas (ANDRADE, 1985, p.15). De fato, para o carvoeiro W. A. Pereira *naquela época tinha muita gente que trabalhava vendendo assim na rua* (Pereira, dez/2000).

Até por volta da década de 1950 a comercialização ocorria, segundo o que nos informa Andrade, em praticamente todos os pontos da cidade, em locais fixos ou na maioria

das vezes ao que parece de forma ambulante, valendo-se de carroças para o transporte ou mesmo no próprio lombo de cavalos, algo que certamente contrastava com aquela imagem de cidade moderna e fáustica que se criou a partir do auge da economia gomífera. Nesse sentido, Andrade afirma que:

Vender lenha ou carvão era negócio que se fazia diariamente em todos os pontos da cidade, desde o bairro mais granfino até o mais humilde, pois os fogões de ferro, ou de barro, e os fogareiros gastavam muito material, e os únicos combustíveis disponíveis eram a lenha e o carvão vegetal (ANDRADE, 1985, p. 55)

Um dos principais pontos fixos para a comercialização do produto localizava-se na calçada onde atualmente está a sede da empresa Manaus Energia S/A, limite entre os bairros da Cachoeirinha e Educados, e que durante muito tempo foi a estação dos bondes da cidade. A existência deste ponto remonta, pelo menos às décadas de 1930 e 1940, segundo relatos de alguns moradores antigos e de carvoeiros que trabalharam lá até 2010, quando foi desativado pela Prefeitura. Em entrevistas realizadas com antigos carvoeiros que atuavam neste ponto, foi recorrente esta questão da falta de oportunidades e de trabalho formal. O carvoeiro W. A. Pereira, à época com 70 anos, afirmou que, *naquela época, que era o meu tempo, o emprego era difícil, num existia emprego, não tinha facilidade de vida e a vida era trabalhar na agricultura, como carvoeiro, como roceiros* (PEREIRA, entrevista realizada em Dez/2001). No mesmo sentido, o carvoeiro F. S. da Silva também destaca

Eu me enjoei de tá lá no interior, trabalhar lá no interior, as coisas vão ficando difícil e o negocio da pesca, cortar madeira, sova, seringa, tudo ficando meio difícil, o pessoal não queria mais comprar borracha, aí eu vim embora pra Manaus, a profissão mais fácil que eu achei foi essa (SILVA, entrevista realizada em nov/2001).

Esse comércio era abastecido pela produção que se dava basicamente em áreas à época distantes do perímetro urbano. Em suas memórias, Moacir Andrade destaca como áreas produtoras as “Colônias dos Franceses, Oliveira Machado, Aleixo, Campos Sales e os bairros do Bombeamento, Raiz e Chapada” (ANDRADE, 1985). Outrora distantes da área central, é possível que, nesses locais, sob o asfalto, edifícios e habitações hoje predominantes, haja resquícios dessas antigas carvoarias. O carvão também afluía dos municípios circunvizinhos, como Castanho, Manaquiri e Manacapuru. Segundo o que conta Wilton Alves Pereira,

O trabalho não é como agora não, era um negócio muito difícil mesmo, a gente não tinha motor, era andando assim a voga... saía remando, remava quase meio dia, quando não, cinco, seis horas, não tinha motor... eu sofri

muito, andava muito no rio, passava noites e noites sem dormir... (Pereira, dez/2000).

Em relação ao processo de produção, o que se pode dizer é que não era algo relativamente simples. Além é claro de demandar toda uma preparação, certamente muitos sacrifícios eram exigidos, a começar pelo isolamento dia e noite nas matas. Segundo Andrade, num primeiro momento,

As caieiras eram construídas de lenha em toras que variavam de cinquenta centímetros a um metro, de árvores que eram escolhidas antes de ser abatidas. Essa lenha era empilhada em forma de pirâmide ou cone, cobria-se toda com palha de buçu verde e sobre esta o barro, de preferência argila pura. (ANDRADE, 1985, p. 58)

Não fica explícito no relato de Andrade se o trabalho era realizado de forma individual ou coletiva, mas o necessário emprego da força física às vezes deveria exigir o envolvimento de mais de uma ou várias pessoas. Além disso, imagens e relatos sobre esse processo observados em outras regiões parecem confirmar isso. O naturalista Magalhães Correa, por exemplo, ao percorrer o sertão carioca na década de 1930 além do relato descritivo, apresenta diversas gravuras em que destaca a fabricação do carvão e o cotidiano dos carvoeiros nas matas fluminenses. É certo que, para obter êxito, o carvoeiro deveria dispensar muita atenção e cuidado na condução de todo processo, como explicita Andrade:

Depois de pronto o edifício da caieira, abria-se no vértice da pirâmide um pequeno furo e na base outro furo, através do qual introduzia-se o fogo e logo depois hermeticamente fechado. Verificado que o fogo não apagou, vigiava-se uns três dias consecutivos e ininterruptamente para evitar que nas paredes, acidentalmente, aparecesse alguma rachadura. Se isso acontece, toda carga de carvão ficaria perdida, pois o fogo arderia até tudo se transformar em cinzas. (ANDRADE, 1985, p. 58)

Como se vê, não era nada fácil a vida desses homens que se dedicavam a essa tarefa, pois além dos riscos econômicos, que eram uma possibilidade constante, como fica evidenciado na citação, logicamente havia os riscos à própria saúde e à integridade física em virtude da exposição ao fogo, à fumaça, além do próprio ambiente natural. Entregando-se em longas e às vezes ininterruptas jornadas de trabalho dia e noite dentro da floresta, procuravam dar conta de uma atividade que, por vezes vista como predatória, mas que respondia a uma demanda econômica e social daquele momento.

Muito recorrente no Brasil como um todo o carvão vegetal predominou como fonte energética, barata e indispensável até pelo menos as décadas de 1940 e 1950, essencial ao

consumo doméstico, as fábricas e as estradas de ferro (SOUZA, 1946, p. 151). Em pesquisa sobre as carvoarias do Rio de Janeiro no início do século XX, Rogerio R. de Oliveira afirma que eram bastante variados os usos do carvão na cidade: no ambiente doméstico, indústrias, metalurgia, construção civil, dentre outros (OLIVEIRA, 2011, p. 8). Em Manaus, conforme relata Andrade, grande parte da produção do carvão também destinava-se ao uso no ambiente doméstico, já que muitos dos utensílios principais dependiam do carvão, como os fogões e ferros de passar. Muitos estabelecimentos dependiam do carvão para gerar a energia que movimentava seu maquinário.

Numa cidade que de certo modo se movia com o carvão, pouca atenção se deu à figura que de alguma forma provia essa fonte energética necessária ao funcionamento da mesma. Às custas de um trabalho que “exigia muito sacrifício e semanas inteiras de trabalho pesado sob o sol e chuva” (ANDRADE, 1985, p. 58) contribuíram de certa maneira para a construção da cidade naquele momento.

FONTES:

a) Periódicos:

- b. *Correio do Norte (1906-1911)*
- c. *A Capital (1916-1917)*
- c. *Jornal do Comercio(1904-1950)*

b) Documentos oficiais:

- a. *Relatório dos governadores dos estados brasileiros, Amazonas (1905-1930)*

c) Relatos orais

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Moacir. “Os Carvoeiros” In: *Manaus: Ruas, Fachadas e Varandas*. Manaus: Editora Umberto Calderaro, 1985.
- ARAÚJO, André Vidal de. *Sociologia de Manaus – Aspectos de Sua Aculturação*. Manaus: Edições Fundação Cultural do Amazonas, 1974 (Coleção Pindorama, vol. 2).
- HOBSBAWM, Eric J. *A Era das Revoluções: 1789-1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

- COSTA, Francisca Deusa Sena da. *Quando Viver Ameaça a Ordem Urbana: Trabalhadores Urbanos em Manaus (1890-1915)*. Dissertação de Mestrado: PUC, São Paulo, março/1997.
- DIAS, Edinea Mascarenhas. *A Ilusão do Fausto: Manaus – 1890-1920*. Manaus: Valer Editora, 1999.
- ECKERT, Cornélia. *Os Homens da Mina: um estudo das condições de vida e representações dos mineiros de carvão em Charqueada/RS*. Dissertação de Mestrado – UFRGS/IFCH/PPG em Antropologia, Sociologia e Ciência Política, Porto Alegre, 1985.
- FILHO, Alcides Goularti (Org.). *Memória e Cultura do Carvão em Santa Catarina*. Florianópolis: Cidade Futura, 2004.
- PINHEIRO, Luis Balkar Sá Peixoto. *Na Contramão da história: mundos do trabalho na cidade da borracha*. In: *Canoa do Tempo: Revista do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Amazonas*, vol. 1, n.1. Manaus: EDUA, 2007.
- PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *A Cidade Sobre os Ombros: Trabalho e Conflito no Porto de Manaus (1889-1925)*. Manaus: Edua, 1999.
- SOUZA, Elza Coelho de. *Carvoeiro*. In: *Revista Brasileira de Geografia*, ano VIII, out-dez/1946, n.4.
- SPERANZA, Clarice Gontarski. *Cavando Direitos: as leis trabalhistas e os conflitos entre mineiros de carvão e seus patrões no Rio Grande do Sul (1940-1954)*. São Leopoldo: Oikos; Porto Alegre: ANPUH-RS, 2014.
- THIÉBLOT, Marcel Jules. *Escuros artesãos de uma valiosa energia – carvoeiros e carvão de lenha*. São Paulo: Escola de Folclore, 1984 (Coleção Pesquisa, v.9).
- ZOLA, Emille. *Germinal*. Trad. Francisco Bittencourt. Sao Paulo: Abril Cultural, 1979.